



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 9, v. I | maio.-out. 2018

p. 434-455.

Espaços de excitação: breve trajetória do pornô nas salas de cinema no Brasil

João Soares Pena¹

RESUMO: Este artigo apresenta brevemente a trajetória do cinema pornô no Brasil desde suas primeiras aparições até sua exibição em salas de cinema em várias cidades. Marcado por questões como o interesse dos espectadores, ilegalidade, clandestinidade e sucesso, o pornô inseriu-se nas salas de cinema das principais cidades brasileiras, influenciando nos fluxos da dinâmica urbana. Nos anos 1970-1980 alguns cinemas especializaram-se no gênero pornô, como ocorreu em São Paulo, Fortaleza, Recife e Salvador, por exemplo, tornando-se mais tarde espaços cujo interesse dos frequentadores ia além da exibição dos filmes, ou seja, na possibilidade da prática de sexo e encontro de parceiros.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema pornô; Práticas sexuais; Cidade.

Abstract: This paper briefly presents the trajectory of porn cinema in Brazil from its first appearances until its arriving at cinemas in several cities. Marked by questions such as the interest of the spectators, illegality, clandestinity and success, porn was inserted in the cinemas in the main Brazilian cities and they influenced their urban dynamics. In 1970-1980, some cinemas got specialized in the pornographic genre, as it happened in São Paulo, Fortaleza, Recife and Salvador, for example, which became later spaces whose interest of the regulars was not only on the exhibition of the films, but in the possibility of making sex and finding sexual partners.

Keywords: Porn cinema; Sexual practices; City.

Resumén: Este artículo presenta brevemente la trayectoria del cine porno en Brasil desde sus primeras apariciones llegando a las salas de cine en varias ciudades de Brasil. Marcado por cuestiones como el interés de los espectadores, ilegalidad, clandestinidad y éxito, el porno se insertó en las salas de cine de las principales ciudades de Brasil, influyendo en los flujos de la dinámica urbana. En los años 1970-1980, algunos cines se especializaron en el género porno, como ocurrió en São Paulo, Fortaleza, Recife y Salvador, por ejemplo, convirtiéndose más tarde en espacios cuyo interés de los asistentes iba más allá de la exhibición de las películas, pero en la posibilidad de la práctica de sexo y encuentro de parejas sexuales.

Palabras clave: Cine porno; Prácticas sexuales; Ciudad.

¹ Urbanista, graduado pela UNEB, mestre e doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA. E-mail: joaopena.88@gmail.com

Recebido em 11/09/17
Aceito em 07/12/17

1 Introdução

A exibição de corpos insinuantes acompanha o cinema desde seu princípio. De acordo com ABREU (1996), nos fins do século XIX, quem frequentava os cinematógrafos de Paris ou Nova York podia se divertir observando os movimentos sensuais de mulheres vestidas com *négligé* ou roupão de banho, o que já era suficiente para incitar a fantasia masculina. Com o desenvolvimento do cinema, a produção de filmes que tinham no sexo sua motivação ganhou espaço e desenvolveu-se enquanto gênero cinematográfico lucrativo, tendo, inclusive, um público específico que se interessa por essas produções.

Acompanhando o cinema praticamente desde seu advento, a representação sexual pelas imagens em movimento teve lugar na primeira década do século XX, momento em que a sétima arte estava se organizando enquanto linguagem. Ao passar dos anos, esse aspecto se consolidou, configurando um lucrativo segmento na indústria do sexo: os filmes pornográficos.

O cinema tornou-se, no século XX, um importante meio de entretenimento nas cidades, influenciando nos modos e costumes das pessoas e teve importância na configuração da dinâmica urbana e fluxos cotidianos em diversas cidades a partir da definição de determinados espaços como próprios para a exibição da sétima arte. Apesar disso, exibições aconteciam em outros espaços – mais reservados, ilegais ou clandestinos – no caso dos filmes de caráter sexual – ou pornô – que, apesar de já serem produzidos desde os primeiros anos do cinema, só passaram a ser exibidos legalmente em salas de cinema no Brasil na segunda metade do século XX.

Como explica Baudry (2008), a palavra pornografia atualmente remete a diversas imagens (como fotografia e vídeo), veiculadas de distintas formas (DVD, internet, calendários etc.) e pode ser encontrada nas principais zonas comerciais da cidade. Para Díaz Benítez (2009, p. 277), “mesmo de modo marginal, a pornografia faz parte de nosso cotidiano, daquilo que convencionamos a chamar de cultura”. Seja na internet, seja nos anúncios de serviços sexuais nos jornais ou em espaços específicos, é inegável que a pornografia está inserida em nossas cidades, como nos cinemas pornô.



2. O pornô no Brasil

Segundo Abreu (1996), a trajetória de conteúdo obsceno no Brasil acompanhou em certa medida a tendência internacional desde a época dos *stag films*,² quando, sugere o autor, eram exibidos, por volta do ano 1907, no Pavilhão Internacional, filmes de gênero livre ou “duvidoso”, cuja entrada não era permitida para menores e moças.

[...] Às sessões de Animatógrafo, às primeiras horas da noite, sucediam as exhibições de filmes obscenos, iguais aos que se mostram em certos bordéis de Paris, de um realismo torpe. A sala enchia-se de deputados, senadores, comerciantes, dos homens mais sérios e das mulheres da vida... (AMADO *apud* ARAÚJO, 1976, p. 321 *apud* ABREU, 1996, p. 68)

Notamos que, nesse momento, ou especificamente nessas salas de exibição, o público desses filmes era composto por pessoas de classes altas. Os *stags* foram exibidos no Brasil em salas comerciais em horários “especiais”, de modo a driblar a possível ilegalidade de sua exibição e a censura. Abreu (1996) aponta que a censura moralista podia funcionar como elemento de *marketing* ao citar o caso do cinema Avenida, que, em 1911, teve a exibição do filme *Amores ilícitos* proibida sem, contudo, ter tirado o filme de cartaz. O mesmo autor acrescenta que já em 1919 o Brasil produzia fitas com toques mais ousados e nudez. O desenvolvimento desse segmento no país acompanhou a forma como a sociedade tratava da representação e exibição do corpo e de questões ligadas ao sexo. Para o autor, esses filmes tomavam certo caráter educativo e artístico, o que parecia uma justificativa razoável para manterem-se no circuito.

Os anos 1930 foram marcados pela hegemonia hollywoodiana, que ditava as regras do jogo. Por outro lado, houve uma retração da produção obscena mundial. A produção nacional nas décadas seguintes, 1940-1950, foi marcada pelas chanchadas, que, na verdade, não foram significantes na representação obscena, mas foram “inspiração” para a produção fílmica anos mais tarde. Nessa época, houve aqui a exibição dos *nudies* e *exploitation* em sessões especiais e apenas para homens. Segundo Abreu (1996), essas projeções aconteceram até a década de 1960, quando também havia um consumo clandestino da produção escandinava, que, entretanto, não atendia ao esperado pelo público que tinha “a

² Segundo Abreu (1996), os *stag films* eram filmes de sexo curtos e primários (geralmente cerca de sete minutos e em preto e branco), produzidos de forma amadora, direcionados ao público masculino e exibidos em ambientes reservados, fora do circuito comercial.



expectativa de algo mais ‘quente’, algo que a excitação latina não encontrava na frieza expositiva da ação (e dos nórdicos).” (ABREU, 1996, p. 72)

Os anos 1970 foram marcados pelas pornochanchadas, gênero que condensava algumas características básicas: produção de baixo custo; a exibição em episódios, sob a influência italiana; o erotismo, presente nos filmes paulistas da década de 1960 com seus títulos apelativos; e a comédia popular urbana carioca, a chanchada. Apesar do prefixo “porno”, esses filmes não se configuravam como *hard core*³, já que havia uma insinuação das ações, sem a exibição explícita do sexo. Nesse período, “o sexo estava na cabeça de todo mundo” (ABREU, 1996, p. 76), o que fez com que esses filmes obtivessem êxito comercial. O gênero, iniciado no Rio de Janeiro, ganhou força e passou a ser produzido também em São Paulo, cidade que se tornaria um polo cinematográfico no país.

A produção fílmica paulistana concentrava-se numa área do Bairro da Luz, na Rua do Triunfo, chamada de Boca do Lixo. Perlongher (2008) explica que nos anos 1950 o fechamento (por decreto das autoridades) de bordéis na zona de prostituição centrada nas ruas Itaboca, Aimorés e suas travessas provocou um deslocamento dessa atividade para outra área, a Boca do Lixo. A prostituição deixou de acontecer no espaço confinado e foi para a rua. “Uma nova zona, com seus códigos, atividades e populações próprias, se estabelece, intermediária entre a delinquência e o ‘ilegalismo’.” (PERLONGHER, 2008, p. 72)

A produção concentrada nessa área obteve bastante sucesso na década de 1970, sendo responsável por cerca 70 dos 90 filmes nacionais produzidos a cada ano. Entretanto, pelo fato de sua produção ser de média qualidade, financiados por capital privado, não conseguiu competir de igual para igual com a produção carioca mais bem elaborada e dos filmes de sexo explícito estrangeiros na década de 1980. A saída foi caminhar em direção ao *hard core*. A ousadia implícita não era mais suficiente, era preciso trazer à cena o que ficava atrás das cortinas, nas silhuetas.

Segundo Abreu (1996), essa fase foi inaugurada pelo filme *Coisas eróticas* (de Rafaelli Rossi, 1981), o primeiro pornô nacional feito conforme as regras do gênero, que

³ Abreu (1996) explica que os filmes que tem a temática sexual são definidos basicamente de dois modos: *soft core* e *hard core*. *Soft core* refere-se aos filmes eróticos, ou seja, que não têm cena de sexo explícito, apenas sugerido. Já *hard core* define os filmes em que o sexo aparece de forma explícita e é o que realmente “importa”, haja vista a excessiva exibição de ações sexuais, do pênis ereto e da penetração.



recorreu à força judicial para garantir sua exibição e teve cerca de 4 milhões de espectadores, um sucesso de bilheteria. Entretanto, outros dois filmes haviam sido produzidos anteriormente: *O império dos sentidos* (de Nagisa Oshima, 1976) e *Calígula* (de Tinto Brass, 1979). Apesar de exibirem cenas de sexo explícito, há neles alguma preocupação estética e trata de emoções humanas, no caso específico de *O império dos sentidos*. De acordo com Abreu (2006), a exibição desses filmes, mesmo com as batalhas judiciais, abriu o mercado no Brasil para a avalanche de filmes pornô estrangeiros e a consequente necessidade de uma produção brasileira desse gênero e a existência de salas específicas para esses filmes.

Após uma década muito frutífera, o país passou por uma crise econômica que afetou o segmento cinematográfico com a diminuição do público.

O mercado total de cinema sofre violenta retração entre 1979-1985, numa queda livre que atinge tanto o filme nacional quanto o estrangeiro. O número de salas também decresce, principalmente no interior, onde atinge mais de 50% de diminuição. O cinema brasileiro ainda consegue manter a faixa dos 30% do mercado, menos em 1985, ano em que sofre maior redução. (ORTIZ RAMOS, 1987, p. 438 *apud* ABREU, 2006, p. 125)

Além disso, o modelo ao qual a produção da Boca do Lixo havia se dedicado nos anos anteriores, a pornochanchada, dava sinais de esgotamento. Perdendo espaço com sua típica produção em face da exigência do mercado exibidor pelos filmes pornô, a Boca do Lixo passou a produzir esses filmes. Após o primeiro filme pornô (*Coisas eróticas*), em 1981, a Boca passou a ocupar uma fatia do mercado, produzindo, nos anos seguintes, cerca de 500 filmes, o que, para Abreu (2006), é um número considerável para os padrões brasileiros. O protagonismo da pornografia no cinema nacional foi tanto que, em 1984, dos 105 filmes nacionais produzidos (exibidos em São Paulo), 69 correspondiam a filmes pornô, ou seja, 66% de todos os filmes feitos nesse ano eram de sexo explícito⁴ (ABREU, 1996). A Boca do Lixo passou de similar de Hollywood para a Califórnia brasileira.⁵

Sucesso de bilheteria e, conseqüentemente, com retorno financeiro satisfatório, o pornô ocupou espaço na Boca. Para alguns isso contribuiu para o declínio da produção

⁴ Os títulos dos filmes se utilizavam de uma linguagem fazendo uso comercial da censura – como os seguintes: *Viciado em C...*, *A B... profunda*, *Elas querem é F...* – ou evidenciando o pornô – como: *Taradas no cio*, *As taradas do sexo*, *Sacanagem ou dá ou desce*, *Vaivém à brasileira*, *Curras alucinantes*, *24 horas de sexo ardente*. (ABREU, 2006)

⁵ Os Estados Unidos são o maior produtor de filmes pornô, cuja produção concentra-se no estado da Califórnia.



cinematográfica brasileira. Já para o cineasta Ozualdo Candeias⁶, os filmes pornô eram uma necessidade por seu caráter pedagógico e a liberalização sexual da época. Segundo ele:

Foi um outro momento do cinema, que enriqueceu outros caras e se exauriu. Só. O sexo explícito, enquanto trazia uma informação erótica, sado-erótica ou o diabo que fosse, existiu. Primeiro, porque até o [aparecimento do] sexo explícito, e esse é um dos valores dele, ninguém sabia bem como fazer, como “trepar”, quem “chupava” ou “dava o rabo”. Era um crime desgraçado. Com o [filme de] sexo explícito isto se tornou um pouco normal, porque esses comportamentos eram intrínsecos de determinadas personalidades. Quando isso foi mais ou menos liberado, por causa desse cinema, deixou de haver um bocado de gente bloqueada. [...] Coisa que, antes disso, não havia. Eu estou falando da importância deles [dos filmes de sexo explícito], né? Importante para a liberação.

Por exemplo, um cara era casado. O cara tinha um pintinho assim, e a mulher dele achava que todo mundo tinha um pintinho assim, ou assim [grande]. Isso foi uma informação que alargou um pouco a mente das pessoas. (ABREU, 2006, p. 129)

Para Abreu (2006), a decadência da Boca do Lixo decorreu do fato de que ela não enfrentou a crise econômico-política e estética, de modo a buscar alternativas para seu modelo, baseado no tripé: produtor, distribuidor, exibidor. Com a saída do exibidor, que optou pelos filmes americanos pelo baixo custo, o cinema paulistano entrou em colapso e acabou com a possibilidade de se estabelecer uma indústria cinematográfica nacional.

3. Salas de cinema pornô

Com uma maior permissividade do regime ditatorial, decorrente de seu enfraquecimento no final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, os filmes pornô se lançaram no circuito exibidor comercial, fazendo uso da força judicial para garantir a exibição. Com isso, os filmes pornô estrangeiros entraram no mercado nacional, competindo ferrenhamente com a produção nacional, levando vantagem sobre ela, inclusive. Suspeitamos de que essa permissividade ao ingresso do pornô no circuito comercial pode estar relacionada a uma tentativa de desviar o foco da população das questões realmente críticas e importantes, já que esses filmes estavam agradando e entretendo o grande público.

⁶ Ozualdo Candeias foi um cineasta brasileiro, considerado o precursor do Cinema Marginal no Brasil. (SENADOR, 2005)



Os filmes pornô passaram, então, a ser exibidos nas salas de cinema, inclusive aquelas mais importantes dos centros das cidades, como no caso de Salvador. Passados vários anos em um regime de forte censura, essa permissividade combinada com a liberação sexual dos anos 1970 foi fundamental para o sucesso do pornô no circuito exibidor do país. “O público estava tão reprimido naquele período que os filmes representavam uma novidade”. (PENA, BOUÇAS E NUNES, 2009, p. 876) Algo que pairava no imaginário, sobretudo dos mais jovens e lhes causava uma curiosidade sem tamanho, podia, então, ser visto a qualquer momento e quantas vezes desejassem.

Várias mudanças que aconteceram na sociedade e na dinâmica das cidades levaram os cinemas tradicionais a exibirem filmes pornô e pouco a pouco se tornarem mais do que simples salas de exibição de filmes e sim locais de práticas sexuais, o que abordaremos com maior aprofundamento ao tratarmos do caso de Salvador. Mas esse foi um processo mais geral pelo qual os cinemas de rua passaram em várias cidades do Brasil, como São Paulo, Fortaleza e Recife.

Na década de 1980, Perlongher (2008) realizou um estudo no Centro de São Paulo sobre a “prostituição viril”. Ele identificou e caracterizou alguns locais em que isso ocorria, bem como as pessoas envolvidas nesse “negócio”: os michês e seus clientes. Alguns dos locais estudados pelo autor são os cinemas existentes nessa área, os quais já funcionavam como espaços para práticas sexuais, os chamados “cinemões” ou “cinemas de pegação” – que são formas como esses locais são conhecidos devido às práticas que acontecem em seu interior, da mesma forma que a “pegação” em banheiros públicos é chamada de “fazer banheirão”. Um desses cinemas, o Palacete, na Avenida Rio Branco, era frequentado majoritariamente por pessoas de classes populares, entre elas pedreiros, soldados, operários não especializados, “bichas” proletárias, malandros e adolescentes de áreas periféricas.

O cinema funciona à maneira antiga, isto é, não como mero espetáculo passivo, mas como dentro de reunião social, onde se desenvolve uma ativa sociabilidade, que não se restringe às relações de amizade, mas abrange também contatos diretamente sexuais, na escuridão das poltronas ou nos banheiros do cinema, divididos entre travestis (que controlam as privadas) e michês (que perambulam em torno dos mictórios). A própria disposição arquitetônica do local favorece o fluxo constante de espectadores da sala do andar térreo à sala do primeiro andar e vice-versa, licença contemplada no preço do ingresso. (PERLONGHER, 2008, p. 176)



Em 2008, um grupo de estudantes de Ciências Sociais também realizou um estudo sobre os cines pornô de São Paulo localizados na área conhecida como Cinelândia Paulistana, no Centro da cidade. Assim como Perlongher (2008) detectou, os cinemas pesquisados foram apropriados por grupos que os utilizam para o exercício de práticas sexuais. Durante o estudo, um dos informantes dos pesquisadores definiu esses cines como “lugares de excitação” devido à exibição dos filmes pornográficos, além da interação que acontece entre os frequentadores, o que os distingue dos demais cinemas convencionais (ROSA et al., 2008). No período da referida pesquisa, das dezoito salas remanescentes da Cinelândia Paulistana, dezessete funcionavam como cinemas pornô. Entretanto, segundo os pesquisadores, esses cines têm um caráter marginal, inclusive no contexto do circuito homossexual, pois não fazem parte do *mainstream* desse circuito.

De acordo com o tipo de público que frequenta os cinemas e suas práticas sexuais, os pesquisadores classificaram esses lugares em três categorias: “cinemão de pegação”, nos quais acontecem práticas sexuais entre homens; “cinemão de travas”, com a prostituição de travestis; e “cinemão de rachas”, com a prostituição de mulheres. Mas, apesar dessa classificação, a “pegação” é uma prática em potencial em qualquer uma dessas salas. (ROSA et al., 2008) Durante uma pesquisa realizada por Braz (2010), um de seus colaboradores definiu esses cinemas como “*underground* neurótico”, pois, para ele, as pessoas não optam por esses lugares, elas são “empurradas para lá”.

De acordo com Ferreira (2013), em Recife existem cinco cinemas pornô situados no Centro da cidade em áreas de grande movimento. São eles: Cine Sex Imperador, inaugurado em 1998; Majestick Cine Club, inaugurado por volta de 2012; Cine Club Sex, aberto em 2007; Cine Boa Vista; e Cinema Especial, em atividade desde 1993. Com exceção do Cinema Especial, os demais investem na melhoria do ambiente e em novos serviços agregados à exibição dos filmes para atrair a clientela.

Na Rua Princesa Isabel, na Boa Vista, o entra e sai apressado do Edifício São Tiago revela a localização do Majestick Cine Club, do cearense Pedro Barroso, inaugurado há um ano e quatro meses. É o mais novo em atividade no Centro e segue o padrão da sala pornô que o empresário possui em Fortaleza (CE). O responsável pela unidade do Recife, Claudemir José da Silva, 36, mora na parte de cima do empreendimento e destaca a limpeza do lugar. “É um dos pontos mais elogiados”, afirma.



O espaço conta com uma sala de projeção e uma *lan house* com quatro cabines, equipadas com computador, cadeira e puffs (cada cliente tem direito a usar uma cabine por 30 minutos). Há, ainda, uma área de convivência arborizada, com bar, mesas e guarda-sóis. Todo o ambiente conta com wi-fi. “Vamos construir mais quatro cabines e uma sala só para a exibição de filmes homossexuais. Tudo deve ficar pronto até o fim do ano”, conta Pedro, que também tem planos de inaugurar uma sex shop ao lado do cinema. (FERREIRA, 2013, s.p.)

Vale ressaltar que dentre esses cinemas, o Cine Boa Vista é especializado no público homossexual, embora também haja exibição de filmes pornô *gays* no Cine Sex Imperator e Cine Club Sex. Para ter acesso ao Cine Boa Vista, o cliente precisa cadastrar-se previamente e a entrada conta com leitor de impressão digital. Segundo o proprietário, em breve o cinema mudará de endereço e o site na internet será retirado do ar, pois seu público não gosta de exposição.

Assim como o pornô enfrentou a Justiça para entrar no mercado legal, Ferreira (2013) conta que, em 2011, aconteceu em Recife a Operação Cinema, realizada pela Polícia Civil, Ministério Público de Pernambuco e Prefeitura de Recife, sob a suspeita de exploração sexual nessas salas, com a prisão de cinco pessoas na época e o fechamento definitivo do Cine Mix. O Cine Club Sex também foi interditado, mas voltou a funcionar quinze dias depois.

Esses cinemas são espaços de prática sexual pelos seus frequentadores e também pontos de prostituição para profissionais do sexo. Entretanto, no Cine Club Sex a entrada de mulheres é controlada – ou seja, proibida – “não só porque a maior parte do público é *gay*, mas para impedir prostituição.” (FERREIRA, 2013, s.p.)

Em Fortaleza, o cinema pornô Jangada foi objeto de estudo de Vale (2000). Segundo o autor, os cinemas do centro dessa cidade passaram por um processo semelhante ao que ocorreu em Salvador, com a migração dos cinemas para os *shopping centers* e também pelas mudanças no mercado cinematográfico. Entretanto, seu estudo não pode limitar-se ao Jangada, pois, segundo o autor:

[...] a sociabilidade daquela sala de exibição levantava outras questões: remetia às pulsões e aos ritmos da cidade, à constituição e às condições de existência, nos grandes centros urbanos, de algumas subjetividades, ao mesmo tempo em que permitia refletir sobre noções como território ou territorialidade, marginalização e estigmatização sociais. (VALE, 2000, p.14)



Se desde finais da década de 1970 o pornô invadiu as salas comerciais dos cinemas, foi somente por volta 1985 que as práticas sexuais se acentuaram. Antes disso, a programação do Jangada contava com filmes de *bang bang*, *kung fu*, chanchadas e pornográficos intercalados.

A adoção dos filmes pornôs nas telas dos cinemas do Centro coincide com o momento em que este último perde sua importância simbólica, ficando associado à violência, ao sujo, ao feio, à pornografia e à prostituição. Essa “coincidência” vai levar os exibidores a “afinar” essas categorias com a possibilidade de maximizar a rentabilidade de suas salas. **Desapareceram os lanterninhas e a vigilância no interior das salas comporta uma maior “tolerância”.** (VALE, 2000, p. 34, grifo nosso)

Coincidentemente ou não, o desaparecimento do “lanterninha” aconteceu no momento em que esses cines pornôs, não só em Fortaleza, passaram a abrigar o exercício de práticas sexuais entre seus frequentadores que eram, majoritariamente, do sexo masculino. Segundo Vale (2000), esse cinema funcionou até 1996 e a partir daí a cena pornô ficou por conta dos cinevídeos: espaços menores que tentavam reproduzir o ambiente do cinema com a projeção de filmes pornôs. Segundo o autor, essas novas salas reorganizaram o pornô em Fortaleza, pois houve uma especialização: os cinevídeos só heterossexuais, os que aceitavam travestis e “bichas espalhafatosas”, os que tinham michês e travestis, como o Jangada, e os que também tinham prostitutas. Isso mostra que, com o fechamento dos cines, o pornô buscou alternativas de permanecer, mesmo com um funcionamento diferente de outrora.

4. Cines pornôs em salvador

Em Salvador, os filmes pornôs foram exibidos, de forma geral, nos cinemas de rua distribuídos pela cidade, especialmente naqueles localizados no Centro. Mas, antes da exibição dos filmes pornôs, houve o período de exibição das pornochanchadas, o que já mexia com as sensações dos espectadores. Apesar de não exibirem sexo explícito, a nudez vista já causava fascínio, como afirma um antigo frequentador desses cinemas, aqui identificado como I. Santana:

Essa coisa de peito e bunda, a gente ia pra ver porque o nu frontal ainda não era permitido por causa da ditadura, mas só a gente adolescente com 17 anos e ver uma mulher desfilando de calcinha ou só com a parte de baixo do biquíni... Você imagine isso pra um menino de 17 anos... Com os seios do lado de fora. Às vezes a mulher ficava toda nua de costas. Então aquilo



ali era a alegria da galera, entendeu? Então o cinema lotava e a gente veio de uma geração disso, de comprar revista que era antes da Playboy, que era a revista Homem, né, e ir pro cinema ver essas mulheres nuas pra se excitar, pra fantasiar, pra ser o nosso sonho de consumo, futuramente arrumar uma namorada com aquele perfil. (Entrevista, 26 abr. 2013)

Segundo I. Santana, isso ocorria entre 1977 e 1980, precedendo a entrada do pornô estrangeiro. Nesse período, ele costumava assistir a esses filmes no cine Roma, na Cidade Baixa, onde morava. Mas, havia exibição também nos outros cinemas da cidade (Jandaia, Liceu, Pax – citados por ele). As sessões iniciavam-se à tarde, a partir das 14h até as 22h, e eram contínuas, ou seja, era possível ver mais de uma vez ao filme após o pagamento do ingresso, desde que não saísse do cinema. Ele acrescenta que, nesse período, os espectadores lotavam os cinemas e havia filas enormes (de cerca de 600 a 700 metros) de quem aguardava pelo início da exibição. Os frequentadores eram geralmente homens jovens ou de meia idade, poucos casais e pouquíssimas mulheres ou grupos de amigas.

De acordo com notícia do Jornal da Bahia, de 1973, nesse ano o Cine Art foi fechado para reforma (Fig. 1). Antes da reforma, o Cine Art era conhecido por exibir filmes eróticos e ter um público fiel. Como afirma o Jornal da Bahia:

Pela primeira vez, em seus vinte anos de existência, o Art passará por uma mudança radical, abandonando definitivamente a sua plateia fiel dos filmes nunca menores de 18 anos para cumprir as exigências da modernização. (JORNAL DA BAHIA, 1973)





Fig. 1: Notícia sobre fechamento do Cine Art

Fonte: JORNAL DA BAHIA (1973)

A reforma duraria 90 dias e, entre as mudanças da reforma, estava o número de poltronas, que passaria para 449 (LEAL E LEAL FILHO, 1997) e a instalação de modernos equipamentos de som e ar condicionado. O anúncio do fechamento para reforma se deu quando estava em cartaz o filme *Eu transo, ela transa*, uma pornochanchada nacional do começo dos anos 1970.

O sistema de ventilação será modificado e em lugar de calor – uma das características singulares do cinema – surgirão potentes aparelhos de ar condicionado. O som foi substituído por modernos equipamentos, até mesmo a entrada e a gerência ficarão completamente diferentes, apagando de uma vez por todas a imagem do cinema que durante algum tempo manteve a primazia do cinema novidade da Bahia, de primeira classe que aos poucos se transformou numa casa de espetáculos somente assistidos pelos amantes do sexo visto da tela. (JORNAL DA BAHIA, 1973)

Notamos uma tentativa de trazer de volta a áurea gloriosa que esse cinema teve outrora, “apagando” as marcas da decadência, em relação aos outros e, por que não dizer, moral. Mas a justificativa exposta na notícia era o fracasso financeiro, já que o Art não exibia lançamentos. Nesses últimos anos, apenas a exibição de filmes eróticos garantia alguma



renda. Entretanto, apesar dessa tentativa, o antigo Art, reaberto em 19 de dezembro de 1973 como Cine Astor, anos depois se firmou como exibidor de filmes de sexo explícito, ostentando em sua porta principal o título de “palácio do sexo” (Fig. 2). (LEAL E LEAL FILHO, 1997)



Fig. 2: Cine Astor

Fonte: LEAL E LEAL FILHO (1997, p. 256)

Podemos perceber que o Astor ostentava o fato de ser um “palácio do sexo”, exprimindo isso visivelmente em sua fachada, diferente do que acontecia mais recentemente antes de seu fechamento, em 2013, pois o mesmo passava despercebido entre os outros prédios em função de sua fachada bastante discreta (Fig. 3).





Fig. 3: Cine Astor pouco antes de seu fechamento
Fonte: PENA (2013)

No começo dos anos 1980, os filmes *hard core* chegaram às salas de cinema. Os filmes eróticos não mais satisfaziam o interesse dos espectadores. Era preciso mais ousadia. A programação dos cinemas que exibiam filmes com conteúdo sexual geralmente continha um filme de ação (artes marciais, como *kung fu*) seguido de um filme de sexo (*soft* ou *hard core*), cuja censura era sempre indicada nos anúncios dos jornais, permitido apenas para maiores de 18 anos (Fig. 4 e Fig. 5).





Fig. 4: Programação dos cinemas
 Fonte: A TARDE (1982a)



Fig. 5: Programação com sessão dupla com filme de ação e pornô
 Fonte: TOURINHO (2013)



Podemos perceber que as dobradinhas *kung fu*-pornô atraíam bastante público e foi uma alternativa para os cinemas de rua nos anos 1980 manterem a frequência de muitos espectadores, pois nesse período esses cinemas de rua estavam perdendo sua importância devido à existência das salas de exibição no moderno *shopping center* Iguatemi (inaugurado em 1975), da expansão da cidade e consequente perda de importância do Centro Antigo no contexto urbano, da popularização do videocassete etc. (PENA, 2013) Após certo tempo de exibição nas salas comerciais, os filmes pornô que, via de regra, não trazem grandes mudanças entre um e outro, recolheram-se a algumas salas que se especializaram nesse gênero, devido ao desinteresse do público e por uma estigmatização que as salas exibidoras passaram a ter. O professor André Setaro⁷ afirma que:

Só com a liberação dos costumes, que aconteceu nos anos 60 com o movimento hippie, amor livre, aquela coisa, é que o cinema passou a abordar a sexualidade. A princípio de forma discreta e nos anos 70 é que se constata a realização dos chamados filmes pornográficos. Mas, o Brasil vivia uma ditadura, a censura era muito forte. Com o abrandamento da censura em 1979, por aí, esses filmes pornográficos, de pornografia pura, o público estava tão reprimido que esses filmes foram exibidos nos cinemas considerados de primeira. Antigamente, os cinemas ficavam concentrados no centro histórico: Excelsior, Liceu, Tamoio, Bahia... Então, filmes pornográficos passavam nos melhores cinemas da cidade. Mas, interessante, porque o público ficou cansado, se cansou fácil e os filmes pornográficos se recolheram a salas especializadas neles, como o Astor, na Rua da Ajuda e o Tupy, ali na Baixa dos Sapateiros. (Entrevista, 2009)

Uma reportagem do jornal A Tarde (1982b) afirma que “o excesso de pornochanchadas também é criticado por muitos que gostam de cinema”. Apesar de serem gêneros um pouco diferentes, isso aponta para o “cansaço” do pornô nessa década.

O público acomodou-se com a projeção de sexo explícito em cinema, e passada a onda da novidade, as salas já não recebiam a mesma quantidade de espectadores “normais”, limitando-se aos aficionados, cinéfilos do pornô – uma espécie de “nova brigada encapotada.” (ABREU, 1996, p. 92)

De acordo com Leal e Leal Filho (1997), nos anos 1970 havia cinco cines pornô em Salvador: Jandaia, Pax, Liceu, Tupy e Astor (Fig. 6), localizados no Pelourinho e entorno – área bastante turística atualmente. Pasqualino Magnavita acrescenta que o Cine Excelsior, situado na Praça da Sé, também exibia filmes pornô, inclusive com exibição de sexo

⁷ Entrevista concedida a João Soares Pena e Rose Laila de Jesus Bouças em 2009.



homossexual, o que não acontece nos cines pornôis atualmente. Podemos considerar que a existência desses cinco cinemas pornôis no Centro de Salvador configurou o que Magnani (2002, p. 22) definiu como mancha:

[...] áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades.



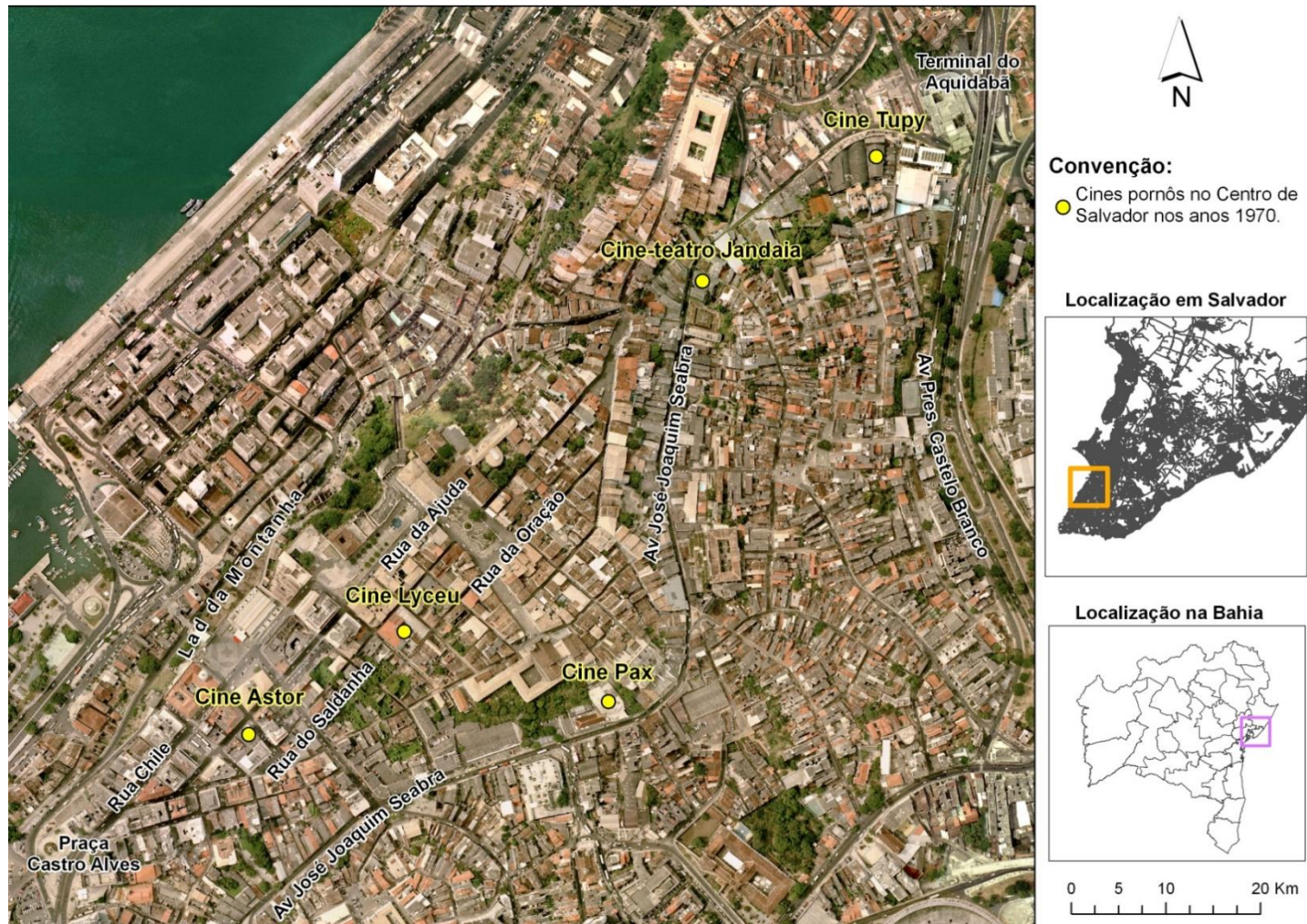


Fig. 6: Os Cines pornôs no Centro de Salvador nos anos 1970

Fonte: PENA (2013)



Inicialmente, nesses cinemas pornôns havia um controle sobre o comportamento dos espectadores, feito pela figura do “lanterninha”, que era um funcionário que já havia no cinema há bastante tempo e que orientava o espectador até sua poltrona e fiscalizava a sala de exibição com uma lanterna para garantir que os presentes não cometessem atos impróprios, desde fumar até masturbar-se ou atos mais íntimos entre os casais. Desse modo, apesar de o sexo aparecer na tela, o mesmo não “transbordava” para a sala de exibição entre os frequentadores ou acontecia de forma bastante discreta a ponto de não ser notada/censurada pelo “lanterninha”. Para I. Santana, o cinema pornô funcionava como uma válvula de escape, já que nessa época os namoros eram mais moderados, não havia tanta intimidade, devido à acirrada fiscalização das famílias das garotas.

Entretanto, com o passar do tempo, a fiscalização abrandou-se e atos mais ousados passaram a acontecer nos cines pornôns. Assim como ocorreu em Fortaleza, com a ausência do “lanterninha”, o cine deixou de ser apenas um local de exibição de filmes para ser um lugar de prática sexual no final dos anos 1980. Certamente a ausência desse funcionário nesses cinemas e essa permissividade funcionaram como forma de manter certos frequentadores interessados em algo além do filme simplesmente. Mas é preciso ressaltar que a perda de importância do Centro, a mudança do perfil de seus frequentadores, sua estigmatização como área degradada e tomada pela criminalidade também são elementos que contribuíram para a construção de uma ambiência favorável a esses estabelecimentos.⁸ Há indícios de que já nos anos 1970 esses cines possibilitavam encontros sexuais, fato que os caracteriza atualmente.

José Augusto contou a história de um seu conhecido que foi dar uma olhada, para fazer horário, no cinema Liceu e foi convidado por um espectador dizendo-lhe “que fazia coisas melhores do que as apresentadas na tela”. Não concordou com o convite, retirou-se e depois encontrou no bolso um cartão, com telefone para pensar melhor... onde se lia: Telefone-me. (LEAL E LEAL FILHO, 1997, p. 46)

Se, por um lado, atraiu ou manteve a frequência de um público, por outro isso afastou outras pessoas, como indica a reportagem do jornal A Tarde:

Os frequentadores do Pax, por sua vez, também fazem queixas contra a falta de ar-condicionado e principalmente contra o assédio de homossexuais. “Para um homem é um verdadeiro desafio ir sozinho ao Pax, se não estiver interessado em arranjar alguém. O assédio é tão grande que muitos desistem antes mesmo de começar o filme”, afirma João Florêncio Santana, operário de uma indústria no Pólo Petroquímico. (A TARDE, 1982b)

⁸ Para um aprofundamento dessas questões consultar PENA (2013).



Santana ratifica isso ao afirmar que sempre havia na porta do/ou no banheiro homossexuais ou travestis que assediavam quem entrava ou havia assédio na própria sala de projeção. Além disso, a popularização do videocassete e da TV provocou o distanciamento de muitos espectadores dos cinemas.

O excesso de pornochanchadas é criticado por muitos, que diante da programação dos cinemas preferem ficar em casa, assistindo outros gêneros de filmes pela televisão. Funcionário da UFBA e motorista de táxi nas horas de folga, Rudson Benedito Magalhães Pirajá é um dos que já deixaram de frequentar os cinemas da cidade e atualmente prefere ficar em casa, já que trocou seu televisor por um a cores. “Acontece que à noite já estou cansado pelo trabalho e algumas vezes ir ao cinema pode até ser aborrecimento. Então prefiro assistir aos filmes pela televisão”, afirma. (A TARDE, 1982)

A partir daí, a possibilidade de encontrar parceiros para prática sexual passou a ser o sustentáculo desses espaços, sendo o filme apenas um pano de fundo que, apesar de ser assistido por alguns com atenção, não se configura como o objetivo da maioria que procura esses cines pornôs atualmente. (PENA, 2013) Nesse sentido, o sexo deixa a tela e passa a ser protagonista na sala de exibição entre os frequentadores com a realização de suas práticas sexuais.

5. Conclusão

O propósito deste artigo foi apresentar uma breve trajetória do pornô no Brasil, elencando seus principais momentos, tensões, avanços etc. e como isso se deu nas cidades no século XX. Como observamos, a representação do sexo acompanhou o cinema desde o seu princípio. Apesar disso, a produção e a exibição dos filmes pornográficos não aconteceram de forma pacífica e facilmente aceitas por certos padrões morais de dadas épocas, o que levou, em alguns momentos, a uma produção e consumo ilegais e clandestinos.

Desde o surgimento das primeiras salas de exibição houve uma preocupação com a manutenção da ordem, explícita na figura do lanterninha. Como vimos, as salas de exibição eram (e ainda são) muito propícias para contatos mais íntimos entre as pessoas, não apenas casais de namorados, mas também para encontros fortuitos.

Inicialmente como novidade, os filmes pornôs foram exibidos até nos melhores cinemas comerciais. Contudo, o gênero pornográfico não traz grandes inovações entre um filme e outro, o que, combinado a outros fatores, aos poucos provocou certo desinteresse de parte dos espectadores. Com a especialização de alguns cinemas nesse gênero, o que já era possível anteriormente



concretizou-se. Os cinemas localizados nos centros das cidades passaram, então, a ser locais de prática sexual, beneficiando-se, como no caso de Salvador, de sua localização numa área que a população não mais frequentava como outrora, o que diminuía a exposição dos seus frequentadores.

Para além da importância dos cines pornô na vida sexual dos seus usuários, esses estabelecimentos desempenharam um papel fundamental para as cidades brasileiras, sobretudo num momento em que a expansão e modernização urbanas provocaram uma perda na importância dos antigos centros, nos quais se localizava boa parte deles. O funcionamento das salas pornô e a atração de seu público para essa área contribuiu para dinamizá-la, além de atender a uma demanda que não podia e não pode ser ignorada.

Referências

- A *TARDE*, Salvador, 11 ago. 1982a, Caderno 02, p. 1.
- A *TARDE*, Salvador, 12 ago. 1982b, Caderno 02, p. 1.
- ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ABREU, Nuno Cesar. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- BAUDRY, Patrick. O pornô como experiência urbana. *Cadernos PPGAU/FAUFBA*, Vol. 7, edição especial - Paisagens do Corpo, 2008, p. 55-65.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo Masculinos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.
- FERREIRA, Lenne. O filme é o que menos importa. *Revista Aurora*, 15 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://aurora.diariodepernambuco.com.br/2013/09/o-filme-e-o-que-menos-importa/>>. Acesso em: 15 set. 2013.
- JORNAL DA BAHIA*, Salvador, 09 e 10 set. 1973, Caderno 01, p.05.
- LEAL, Geraldo da Costa; LEAL FILHO, Luís. *Um cinema chamado saudade*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, 2002, p. 11-29. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10704902#>>. Acesso em: 01 mai. 2013.
- PENA, João Soares. *Espaços de excitação: cines pornô no Centro de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.



PENA, João Soares; BOUÇAS, Rose Laila de Jesus; NUNES, Eduardo José Fernandes. *Cinemas de rua: um panorama sobre os cines pornôis no Centro Histórico de Salvador*. Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 9., 2009, Rio Claro. Anais ... Rio Claro: UNESP: AGETEO, 2009, p. 874-889. 1 CD-ROM.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

ROSA, Alexandre Juliete et al. *Cinemas pornôis da cidade de São Paulo*. *Pontourbe*, ano 2, versão 3.0, julho de 2008. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/1785>>. Acesso em: 11 set. 2017.

SENADOR, Daniela Pinto. *A Margem versus Terra em Transe: estudo sobre a ascensão de Ozualdo Candeias no universo cinematográfico*. *Caligrama*, vol.1, nº 3, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56687/59718>>. Acesso em: 05 set. 2017.

TOURINHO, Raíza. *Revitalização exclui os cines Jandaia e Pax*. *A Tarde*, Salvador, 16 jun. 2013, p. A8- A9.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

